



Anunciação Ribeiro
Soito da Ruiva



Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Filipa Rodrigues

Ana Isabel Fernandes

Transcrição

Ana Isabel Fernandes

Edição da História de Vida

Hugo Pereira

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-13-6

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Anunciação Ribeiro

Maria Anunciação de Jesus Ribeiro nasceu em Soito da Ruiva no dia 27 de Março de 1933. É filha de Albano Ribeiro e de Maria da Encarnação, ambos naturais de Soito da Ruiva. Tem um irmão e quatro irmãs. Na sua infância jogava à panela com outras raparigas. Não frequentou a escola, por imposição da sua mãe. Casou-se em 1967 com António Nunes, de quem teve duas filhas e um filho. Ainda hoje sente muito a sua falta. Aprendeu a rezar com a sua mãe, hábito que ainda hoje mantém. Trabalhou durante toda a sua vida na lida do campo, onde semeava alguns alimentos para a ajuda do sustento da casa. Contudo, hoje refere que não tem uma vida tão "antiga" como antes. Divide os seus dias entre Soito da Ruiva e Arganil onde passa tempo com os seus cinco netos, a quem compra guloseimas sempre que a visitam.

Conteúdo

Identificação <i>Maria Anunciação de Jesus Ribeiro</i>	4
Ascendência <i>Albano Ribeiro e Maria da Encarnação</i>	4
Infância “ <i>Jogávamos à bola com panelas</i> ”	5
Educação “ <i>Não fui para a escola</i> ”	8
Religião “ <i>Às vezes rezo</i> ”	8
Casamento “ <i>Ainda me lembra de muita coisa do meu marido</i> ”	10
Descendência “ <i>Já me deram netos</i> ”	10
“ <i>Ainda tem as suturas na testa</i> ”	14
Quotidiano “ <i>Era de manhã até à noite</i> ”	14
Costumes “ <i>Não tenho uma vida activa como antes</i> ”	21
Lugar “ <i>Antes havia cá muita rapaziada!</i> ”	23
Avaliação	23



Fotografia 1: Maria Anunciação de Jesus Ribeiro.

Identificação Maria Anunciação de Jesus Ribeiro

O meu nome é Maria Anunciação de Jesus Ribeiro. Nasci em Soito da Ruiva a 27 de Março de 1933. Tenho 74 anos.

Ascendência Albano Ribeiro e Maria da Encarnação

O meu pai chamava-se Albano Ribeiro e a minha mãe Maria da Encarnação. O trabalho deles era cavar a terra, roçar mato, ir à lenha e acartar esterco. Coitados! Andavam por aí de um lado para o outro na fazenda. Tínhamos umas oito cabritas. Muita hortaliça, nabos, nabiças, feijão, batatas e milho.

Só conheci a minha avó da parte da minha mãe. Chamava-se Maria Casimira. Era boazinha, coitadinha.



Fotografia 2: Familiares de Anunciação Ribeiro num passeio: o irmão, António Ribeiro (à esq.), a mãe, Maria da Encarnação (à dir.) e o pai, Albano Ribeiro (em 2^a plano à dir.).

Muito magrinha e velhinha. Agora dos outros avós já não me lembro.

Infância “*Jogávamos à bola com panelas*”

Éramos cinco filhos, quatro raparigas e um rapaz. Vivíamos mal. Coitados, os meus pais não tinham dinheiro, não tinham reforma nenhuma. Eles só podiam viver da fazenda e passavam mal. Às vezes, passavam só com um bocadinho de broa e uma pinga de vinho. Uma malga com a broa sem açúcar, nem nada. E a sopa era má, sem mistura, era só com farinha. Nem contavam histórias! Não, eles não eram amigos assim de contar nada. Mas não eram maus comigo! Nunca me bateram. Eram bons. E os meus irmãos também nunca me bateram. Éramos muito amigos! Ainda hoje somos muito amigos.

Eu brincava aos domingos ou nos dias santos, nos feriados. Jogávamos à bola com panelas, com cântaros. Eu estava num lado, uma jogava a panela para outra rapariga. Era uma data delas à roda. Quando a panela caía ao chão, partia e ríamos!



Fotografia 3: Anunciação Ribeiro (5^a da esq. p/ dir.), com os seus irmãos António, Belmira, Encarnação e Ilda no casamento da sobrinha Lurdes.



Fotografia 4: Família de Anunciação Ribeiro (5^a da esq. p/ dir.). Albano Ribeiro (pai), Maria da Encarnação (mãe), Ilda (irmã), Belmira (irmã), António Ribeiro (irmão) e Encarnação (irmã).

Educação “*Não fui para a escola*”

Eu não fui para a escola. Não cheguei a ir. A minha mãe não me deixou. As minhas irmãs também nunca foram para a escola. Não quiseram. Só o meu irmão é que foi para a escola do Sobral Magro. Recordo-me que ele ia a pé para lá. Os meus filhos já foram à escola. As minhas filhas chegaram a andar na escola da aldeia. E ao fim dali foram para a escola do Piódão. Era longe. Coitadinhos. Tinham de vir buscá-los e levá-los de carro. Naquela altura já havia carro. Vinha um homem do Piódão cá buscá-los, porque o Estado pagava-lhe.

Religião “*Às vezes rezo*”

Não andei na catequese, mas às vezes rezo. Aprendi a rezar na capela, quando íamos ao terço. A minha mãe ensinava-me. As pessoas juntavam-se para rezar o terço à noite, um pedaço. Agora já se deixaram disso. Só quando cá vem o padre dizer a missa uma vez por mês, todos os meses, é que costume ir. É bonita a missa.

Em Agosto, costumam sair os andores dos santinhos todos. São seis andores. Saíam daqui da capela e iam até ao Outeiro, na aldeia. Era bonito. Uma festa. Gosto muito das festas no Verão. É muito animado. Vem muita gente de fora! Há música e tocam as modas deles. Às vezes era com viola, outras era a cantar. Lembro-me da capela. Era lajeada de tudo, tudo novo. Era caiada de branco. E tinha os santinhos dentro. Eu lembro-me bem das tábuas... Estava a capela já velha, mas depois compuseram-na e agora está bem. O São Lourenço era o santo a quem tiravam as costas, mas não sei porquê. E ainda chegaram a roubá-lo. Não vi, nem sei quem foi. Depois foram buscá-lo lá adiante ao barroco e trouxeram-no para a capela.



Fotografia 5: António Nunes, marido de Maria Anunciação Ribeiro.

Casamento “*Ainda me lembra de muita coisa do meu marido*”

O meu marido chamava-se António Nunes. Conheci-o quando vim de Lisboa. Estivemos um mês a namorar, ao fim desse mês é que nos casámos. O casamento foi aqui na capela. O meu vestido era azul - era mesmo vestido - e um xaile de merino preto. Até a minha filha o levou. E tive que comprar sapatos. O meu marido estava bonito. Ele mandou fazer o fato e comprou uns sapatos novos. Eram só uns quatro ou cinco convidados. Vieram cá os familiares. Os meus pais ainda eram os dois vivos. Houve festa e fizemos muita coisa! Fizemos arroz doce, tigelada, bolos, bolos do forno, pão leve, pão-de-ló e também cabrito e muitas outras coisas.

Depois do casamento, fiquei a viver com os meus pais. Logo que casei, vim para a casa onde vivo hoje. Passávamos os dias a tratar da fazenda. Tínhamos gado, então era um olho para o gado, pois botávamo-lo na fazenda e lá andávamos a fazer outras coisas. Nunca tivemos mais casa nenhuma. A minha casa foi só esta. Vivi sempre aqui com o meu marido. Ainda me lembra muita coisa do meu marido. Era muito meu amigo. Ajudava-me muito, muito. Ele nem queria que eu cavasse ao pé dele. Cavava sozinho. Farto-me de chorar pela falta que me faz.

Descendência “*Já me deram netos*”

Tive só duas filhas e um filho. A mais velha chama-se Maria de Lurdes Ribeiro Nunes, depois tive a Maria Fernanda Ribeiro Nunes e, por último, o rapaz, António Ribeiro Nunes.

Não me lembro do nascimento dos meus filhos. Quando fiquei grávida da primeira filha, a alegria foi pouca. Foi porque calhou. Mas continuei a trabalhar na terra, mesmo grávida. Ia ao mato, à lenha e ia cavar! E depois tinha-os numa cesta, num berço e levava-os para a fazenda para estarem ao meu lado.

O parto foi a minha prima que fez, a Benvinda. Vive



Fotografia 6: António Nunes, marido de Maria Anunciação Ribeiro.



Fotografia 7: Maria Fernanda Ribeiro Nunes, filha de Maria Anunciação Ribeiro.



Fotografia 8: António Nunes (à esq.) e Maria Anunciação (à dir.) no casamento da filha Maria de Lurdes Ribeiro Nunes.

lá em baixo perto da tia Ana Barrela. Não havia médicos na altura. Só cá veio um médico para cá me tirar a minha Fernanda, porque tive problemas no parto. Estive quase dois dias sem a ter e com muitas dores. Então chamaram o médico que veio cá tirar a minha filha a ferro frio!

“Ainda tem as suturas na testa”

O meu filho uma vez foi além ao Outeiro apanhar uma bomba. Ao agarrá-la, estoirou e fez um golpe muito grande na cabeça. Ao fim teve que ir para Tábua, para o hospital. Foi verdade. Ainda tem as suturas na testa.

Os meus filhos já me deram netos. Tenho dois netos e três netas. A Mariana, o João, o Tiago, a Beatriz e a Tânia. Quando eles vêm aqui compro-lhes rebuçados e umas bolachas. É uma alegria!

Quotidiano “Era de manhã até à noite”

O nosso dia-a-dia em Soito da Ruiva era andar a cavar, semear, sachar, empalhar e enleirar. Com o sacho púnhamos o esterco empalhado no meio do milho. Era de manhã até à noite. Depois guardávamos o milho numa arca de madeira de castanho. Ainda tenho uma arca dessas! A madeira de castanho é boa. Os móveis e as gamelas para a broa também eram feitos de castanho! Mas agora já não a compram, porque está fora da estrada. Aqui tinha muito castanheiro e muita castanha. Uma data de castanheiros! Eu ia às castanhas e buscava muitos caniços de castanhas. Escolhíamos as melhores, as piladas, e aquelas que tinham as cascas púnhamo-las de parte e cozíamos-las à parte, para comer este bocado. Depois as castanhas eram pisadas num cesto. Fazia-se sopa com elas. Outras eram cozidas, só com água e sal. Tínhamos também mais frutas, como morangos, que haviam para aí nas paredes da fazenda, maçãs, peras, ameixas, figos, tinha tudo. Tinha muita vinha. Às vezes, enchia o barril de vinho e até vendia.

Também tinha galinhas, gado, porcos, coelhos... Às



Fotografia 9: António Ribeiro Nunes, filho de Maria Anunciação Ribeiro.



Fotografia 10: Paulo, neto de Maria Anunciação de Jesus Ribeiro.



Fotografia 11: Tiago e Beatriz, netos de Maria Anunciação de Jesus Ribeiro.



Fotografia 12: Mariana, neta de Maria Anunciação de Jesus Ribeiro.



Fotografia 13: Tânia, neta de Maria Anunciação Ribeiro.



Fotografia 14: Maria Anunciação em casa. Soito da Ruiva, 2007.

vezes, matávamos um coelho para comer. Eu também guardei muito gado meu e das vizinhas. Nunca me fugiu nenhuma cabra! Nada! Só me ficou uma borrega amparada numa peneda e, ao fim, só dei por falta dela à porta do gado. Ao fim ao outro dia de manhã botei o gado e fui andar onde tinha andado com elas e fui encontrá-la no meio de duas penedas. Já não a podia tirar dali para fora. Tinha morrido, mas os lobos não deram com ela. Foi sorte grande. E lá ficou.

Carreguei também muita pedra. E todo o mundo viu que acartei muita. As mulheres é que acartavam as pedras para ganhar o dinheiro. O que é que ganhámos? Eram 25 tostões! Dava à minha mãe todo, para uma caixa de fósforos e um bocado de sabão. Nem chegava para um bocado de sabão. Os rapazes não estavam aqui, tinham ido para Lisboa.

Os pedreiros que faziam as casas eram lá de baixo do Sobral. Na aldeia, as casas são todas de pedra, tal como a minha casa. Tem muitas aí que são em pedra, mas são caiadas por fora. O meu telhado era de lajes de lousa. Agora são de telha.

Hoje em dia, passo os meus dias em casa, outras vezes vou para Arganil. No Inverno é muito frio aqui. Quando há frio não se aguenta, então fico na cozinha à lareira. Quando nevava, recordo que em miúda a gente



Fotografia 15: Maria Anunciação Ribeiro ao sol. Soito da Ruiva, 2007.

juntava-se lá fora e fazia bolas de neve muito grandes e bonecos. Nessa altura, já tínhamos a hortalíça guardada para os animais, porque eles não iam para a serra.

Agora não fico cá sempre. Ainda estive em Arganil dois meses e torno-me a ir embora na Páscoa. Vou lá passar a Páscoa. Quando estou em Soito da Ruiva vou ali para o sol. Fico ali virada para o sol e falo com os vizinhos.

Costumes “*Não tenho uma vida activa como antes*”

O que costumávamos comer em casa era sopinha. Sopinha e, às vezes, com broa seca. Nós cozíamos broa. Desde nova que a amassava nas gamelas, tendia e botava para o lume sozinha. Aquecíamos lá em baixo o forno da aldeia com a lenha e, ao fim de o termos aquecido, varriámos o forno e botávamos a broa dentro. Cozíamos durante um dia inteiro ou mais. Aí um meio alqueire de milho, dava para quatro ou cinco broas, as quais davam para uns dias. Agora, já não cozo broa. Não tenho milho, não cultivo nada. Não tenho uma vida activa como antes.

Também costumava fazer queijo, mas o meu gado

não era gado que fosse bom para dar leite. Eu se queria beber leite tinha que o comprar e o queijo também. Mas recordo-me que para fazer o queijo comprava-se o coalho, botava-se um bocadinho no leite, coalhava e fazíamos o queijo. Depois vendia alguns, mas outros não.

No Natal, era uma grande festa. Juntávamos na minha casa a minha família toda. Vinham os meus tios todos. Três de Lisboa e uma do Alqueva. Vinham todos para aqui, com os primos e tudo. Fazíamos filhoses, um bocado de arroz doce e uma tigelada. A minha mãe comprava um bocadinho de carne de chanfana, de rês, de cabrito da terra. Depois, fazia-se uma fogueira e ficávamos de roda a aquecer. Ia-se buscar a madeira e rolos para queimar ali.

No dia de São João, era costume botarem um gato dentro de um cântaro e punham-no assim ao alto, botavam-lhe o lume na palha num descampado e em lá chegando o lume acima até ao cântaro este caía no chão, partia e o gato fugia. Era uma risota. Esta é uma tradição já do tempo dos meus pais. Muito antiga! Além disso, havia os bailaricos. Antes eu ia dançar no Outeiro e quando era pelo Carnaval íamos dançar de noite até à meia-noite.

Quanto à matança do porco, era costume matar o porco ao Sábado. Os meus familiares vinham à sexta-feira, para cá estarem no sábado. As pessoas da aldeia juntavam-se para ajudar. Ajudavam a segurá-lo, para poderem prendê-lo com uma corda presa no focinho. Depois, íamos às carquejas para chamuscar o pêlo do porco.

Em Soito da Ruiva não havia médicos. Só o de Coja, o senhor doutor Armando, que era muito boa pessoa e bom médico. Quando as pessoas ficavam doentes, muita gente vinha aqui tratar-se. Às vezes, era ali o meu primo Fontinha e a mulher. Era a família. Eu, às vezes, estava aqui em casa e mandava às vezes um olho para a minha mãe e para o meu pai. Também fazíamos chás com ervas do campo. Havia as ervas de Santa Rita e ervas de sorveco, que dão aí nas paredes da fazenda, folha da pimpinela, barbas de milho branco, raízes dos morangos, e muitas mais. Lembro-me que íamos arrancar as raízes

dos morangos e cozíamos. Mais tarde, passámos a ter um médico no posto médico da terra. Eu já parti este pé pelo artelho, os dois braços e as costelas. Já tenho tudo partido! Na altura, andei no hospital em Arganil a curar um dos braços. Mas, às vezes, a minha prima rezava-me no pé com um terço por cima. Ela dizia:

"Que coso? Carne quebrada ou nervo torto."

E ferviam a água e ao fim de ferver botavam-na dentro de um alguidar e a água recolhia para dentro do púcaro quando estava estrutagado! Quando não estava, não subia.

Lugar “*Antes havia cá muita rapaziada!*”

Naquele tempo as raparigas ficavam na terra e os rapazes iam para Lisboa para ganhar dinheiro. Iam para lá aí com uns 14 anos, depois da escola. Foi tudo para Lisboa. Depois vinham cá poucas vezes e guardavam o dinheiro para eles, coitados.

Antes havia muita gente aqui a viver. Quantas famílias não sei. Nunca contei. Mas por cada casa havia cerca de umas seis ou sete pessoas. Era muito animado. Havia cá muita gente, muita rapaziada! Conversavam uns com os outros. Agora não. Alguns morreram. Uns foram embora para Lisboa. E agora vive cá poucozinha gente.

Avaliação

Acho bem falar com as pessoas e saber a história da aldeia. É importante.



Fotografia 16: Maria Anunciação Ribeiro e amiga Céu.